

Psicologia da Saúde: Teoria e Intervenção

Inea Giovana Silva Arioli
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Inea Giovana Silva Arioli
(Organizadora)

Psicologia da Saúde: Teoria e Intervenção

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P974 Psicologia da saúde: teoria e intervenção [recurso eletrônico] /
Organizadora Inea Giovana Silva Arioli. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-170-1
DOI 10.22533/at.ed.701191203

1. Psicologia clínica da saúde. I. Arioli, Inea Giovana Silva.

CDD 616.89

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O presente livro se propõe a debater temas instigantes no campo da Psicologia da Saúde, uma área relativamente recente, desenvolvida principalmente a partir da década de 1970. Segundo Almeida e Malagris (2011¹) a Psicologia da Saúde configura-se na aplicação dos conhecimentos e das técnicas da Psicologia ao campo da saúde, com vistas a promoção e manutenção da saúde e a prevenção de doenças. No Brasil, com a ampliação do campo a partir das políticas públicas de saúde, aumentou o interesse dos profissionais e teóricos sobre essa área específica, trazendo consigo a necessidade de compreender o processo saúde/doença em uma dimensão psicossocial.

Existem divergências quanto à compreensão e conceituação da Psicologia da Saúde, que por sua vez traz consequências também para suas práticas, mas a importância de sua contribuição para o campo da Saúde é indubitável. Alves et al (2017²), afirmam que a compreensão dessa área deve ser de uma disciplina autônoma, mas essencialmente interdisciplinar, visto que se desenvolve sobre uma base multi e interdisciplinar, pois envolve saberes e práticas oriundas de outras disciplinas, como: a psicologia social e comunitária, a psicologia clínica, a saúde pública, a epidemiologia, a antropologia, a sociologia, a medicina, entre outras.

Várias temáticas importantes para o panorama atual no contexto da Psicologia da Saúde, tanto no Brasil como em Portugal, são abordadas neste livro, como: a dependência de álcool e outras drogas, a humanização da saúde, o autocuidado dos profissionais, o cuidado com o cuidador, estresse, qualidade de vida, saúde do idoso, saúde e gênero, entre outros. Os aspectos emocionais da Esclerose Múltipla, a Síndrome de Burnout e o Transtorno do Espectro Autista também são alvo de debate nessa obra, juntamente com temas importantes da Psicologia Clínica. Enfim, as próximas páginas propiciam a aproximação de vários debates atuais, que a seguir são apresentados em um pequeno guia para leitura.

O capítulo 01 debate um “Grupo de Acolhimento de Familiares em um Ambulatório de Dependência de Álcool e Outras Drogas: relato de experiência”. Destaca a contribuição da prática grupal na desconstrução das expectativas de “cura” dos familiares em relação à tarefa do Ambulatório e o deslocamento frequente da queixa sobre o outro (paciente) para reflexões sobre o próprio familiar no cotidiano do grupo.

“O estigma associado ao uso de drogas: etnografia a partir do trabalho de proximidade” (capítulo 02) relata uma experiência portuguesa de redução de danos, cujos resultados indicam transformações substanciais no que tange a adoção de práticas orientadas para a saúde. O estudo também explicita que as pessoas que usam drogas tendem a viver experiências de estigma em múltiplas esferas da sua existência e que a relação com as principais figuras de vinculação é marcada pelo

1 ALMEIDA, R.A.; MALAGRIS, L.E.N. A prática da Psicologia da Saúde. *Rev. SBPH* vol.14 n.2, Rio de Janeiro - Jul/Dez. 2011.

2 ALVES, R.; SANTOS, G.; FERREIRA, P.; COSTA, A.; COSTA, E. Atualidades sobre a Psicologia da Saúde e a Realidade Brasileira. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 18(2), 545-555. 2017.

sentimento de culpa.

Já o foco do capítulo 03 recai sobre “A humanização como fator de qualidade no internamento hospitalar”, na construção e validação do Questionário de Avaliação da Humanização nos Cuidados de Saúde (QAHCS), implementado nos serviços de Cirurgia e Ortopedia de um Hospital português. Os resultados obtidos nesse estudo indicam uma associação positiva entre a humanização dos cuidados hospitalares e a qualidade dos internamentos e atesta que a humanização é um fator de qualidade nos hospitais.

A saúde dos idosos é foco do debate no capítulo 04, que discute a “Dor crónica, ansiedade e depressão em doentes idosos”. O estudo, realizado na Unidade Multidisciplinar da Dor do Hospital Divino Espírito Santo (Açores, Portugal) teve como um dos objetivos analisar a relação entre dor, depressão e ansiedade e concluiu a existência de associação tanto entre dor e ansiedade como entre dor e depressão, explicitando que, tanto a ansiedade como a depressão interferem na disposição, relação com os outros e prazer de viver.

No capítulo 05, “A triagem psicológica: a qualidade da escuta e adesão ao tratamento”, o objetivo é discutir as expectativas relativas ao atendimento psicológico de inscitos em um serviço-escola de uma universidade, e de que maneira a compreensão dessas expectativas podem favorecer a adesão ao tratamento. A análise dos desdobramentos do processo de escuta e compreensão das expectativas dos sujeitos buscam revelar uma aproximação entre o que pode ser feito em psicoterapia e o que espera legitimamente o paciente em relação ao seu atendimento.

Em “Adaptação e validação da escala para avaliar as capacidades de autocuidado, para profissionais portugueses do contexto social” (capítulo 06) as autoras colocam em tela um tema de crescente importância: o estresse ocupacional e a Síndrome de Burnout. Teóricos argumentam que os recursos psicológicos e sociais, incluindo o autocuidado, podem proteger os indivíduos das consequências negativas do estresse, indicando que a prática do autocuidado também configura-se em fator de proteção relacionado com Burnout.

“Imagem corporal positiva em estudantes do Ensino Superior”, capítulo 07 deste livro, configura-se em um estudo quantitativo de caráter exploratório que tem como objetivo analisar possíveis relações, diferenças e preditores entre as preocupações com a forma corporal, a imagem corporal positiva e as características sociodemográficas de estudantes universitários de várias instituições do Ensino Superior em Portugal.

Já o capítulo 08: “Aproximações entre Psicologia da Saúde e homossexualidade” se propõe discutir contribuições para a Psicologia da Saúde a partir da aproximação com a diversidade sexual, com foco na homossexualidade. A pesquisa debate quatro eixos temáticos que explicitam a maneira pela qual a Psicologia da Saúde pode apropriar-se de categorias como gênero, orientação sexual, diversidade sexual, para gerar aquilo que se propõe: saúde.

No capítulo 09 realiza-se uma revisão de literatura (2003 a 2017), com vistas

a compreender as “Alterações emocionais do cuidador frente ao câncer infantil”. O texto evidencia o sofrimento do cuidador, no que tange as incertezas, experiências dolorosas, alterações na dinâmica familiar e social e medo da perda. Aponta para a importância dos profissionais de saúde neste contexto e para a necessidade de assistência psicológica e interdisciplinar com vistas a integralidade da atenção à saúde.

“Síndrome de Burnout em estudantes da faculdade de medicina da Universidade Internacional Três Fronteiras” é o capítulo 10 deste livro, que debate um problema de grande repercussão social em nossos dias e que afeta a população acadêmica. O referido estudo conclui que a maioria dos entrevistados apresentou esgotamento físico e mental.

O capítulo 11 versa sobre “Estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento psicológico de docentes do ensino superior de Goiânia” e relata um estudo que teve como objetivo identificar o nível de estresse ocupacional, os estressores e as estratégias de enfrentamento psicológico e correlacionar estresse e estratégias de enfrentamento psicológico de docentes do ensino superior. O estresse também é foco no capítulo 12, que segue “Explorando o impacto do estresse no consumo de álcool: uma revisão de literatura”. O estudo aponta que, a permissividade e incentivo de consumo de álcool na sociedade contemporânea, aliado ao aumento significativo do nível de estresse no cotidiano das pessoas podem configurar os contornos em um importante problema de saúde mental.

O capítulo 13 traz o relato de um delineamento experimental sobre o “Ensino com feedback instrucional em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): efeitos sobre categorizar” e demonstra que, no ensino de repertórios de tatos e respostas de ouvinte simples, o feedback instrucional parece ter influência sobre o desenvolvimento de alguns repertórios de categorizar que não foram diretamente ensinados.

O tema do capítulo 14 é recorrente neste livro: “Síndrome de Burnout: doença ocupacional presente desde a formação até a atuação do médico especialista” pela atualidade e importância da discussão. O texto aponta para a vulnerabilidade do profissional médico no desenvolvimento desta síndrome, uma vez está submetido ao estresse emocional contínuo na atenção à saúde das pessoas.

O capítulo 15: “Qualidade de vida em doentes renais crônicos em hemodiálise: uma revisão da literatura” aponta para a necessidade de uma avaliação de qualidade de vida ampliada, de modo que haja uma interlocução das pesquisas quantitativas com qualitativas, na medida em que a avaliação da qualidade de vida tem sido um importante fator de medida na análise da efetividade das intervenções terapêuticas. A qualidade de vida é foco também do capítulo 16, que propõe a “Avaliação da qualidade de vida de pessoas com esclerose múltipla” e evidencia que as pessoas com maior tempo de diagnóstico tem uma percepção melhor da realidade da doença e adquirem maior manejo frente às diversas situações que envolvem a questão qualidade de vida.

Em “Envelhecimento positivo e longevidade avançada: contributos para a intervenção” (capítulo 17) são explicitadas as diretrizes gerais de um estudo de

centenários realizado na região metropolitana do Porto (Portugal), que destaca a importância de conhecer as percepções individuais dos centenários e a compreensão e mobilização de recursos psicológicos associados à adaptação para a saúde e bem-estar.

O capítulo 18, que encerra as discussões deste livro, busca fazer uma “Avaliação da espiritualidade em pessoas com esclerose múltipla” e validar uma escala de espiritualidade. Evidencia que as incertezas em relação ao prognóstico da doença levam a pessoa a desenvolver uma preocupação com o futuro, visto que muitos planos deverão ser modificados, exigindo o desenvolvimento de estratégias para o enfrentamento da doença.

Boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GRUPO DE ACOLHIMENTO DE FAMILIARES EM UM AMBULATÓRIO DE DEPENDÊNCIA DE	
ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA.	
Isabel Bernardes Ferreira	
Helton Alves de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.7011912031	
CAPÍTULO 2	15
O ESTIGMA ASSOCIADO AO USO DE DROGAS ETNOGRAFIA A PARTIR DO TRABALHO DE	
PROXIMIDADE	
Ximene Rego	
Catarina Lameira	
DOI 10.22533/at.ed.7011912032	
CAPÍTULO 3	27
A HUMANIZAÇÃO COMO FATOR DE QUALIDADE NO INTERNAMENTO HOSPITALAR: UM ESTUDO	
DE CASO	
Helena Morgado Ribeiro	
Mariana Teixeira Baptista de Carvalho	
Estela Maria dos Santos Ramos Vilhena	
DOI 10.22533/at.ed.7011912033	
CAPÍTULO 4	44
DOR CRÓNICA, ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM DOENTES IDOSOS	
Teresa Medeiros	
Osvaldo Silva	
Maria Teresa Flor-de-Lima	
DOI 10.22533/at.ed.7011912034	
CAPÍTULO 5	62
A TRIAGEM PSICOLÓGICA: A QUALIDADE DA ESCUTA E ADESÃO AO TRATAMENTO	
Rita Cerioni	
Eliana Herzberg	
DOI 10.22533/at.ed.7011912035	
CAPÍTULO 6	79
ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA PARA AVALIAR AS CAPACIDADES DE AUTOCUIDADO,	
PARA PROFISSIONAIS PORTUGUESES DO CONTEXTO SOCIAL	
Ana Berta Correia dos Santos Alves	
Susana Barros da Fonseca	
Lia João Pinho Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7011912036	
CAPÍTULO 7	94
IMAGEM CORPORAL POSITIVA EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR	
José Carlos da Silva Mendes	
Maria Teresa Pires de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.7011912037	

CAPÍTULO 8	108
APROXIMAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA DA SAÚDE E HOMOSSEXUALIDADE	
Adan Renê Pereira da Silva	
Iolete Ribeiro da Silva	
Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas	
DOI 10.22533/at.ed.7011912038	
CAPÍTULO 9	120
ALTERAÇÕES EMOCIONAIS DO CUIDADOR FRENTE AO CÂNCER INFANTIL	
Liliane Maria da Silva Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.7011912039	
CAPÍTULO 10	133
SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE INTERNACIONAL TRES FRONTERAS (UNINTER) CIUDAD DEL ESTE, PARAGUAI (2016)	
Deisy Yegros	
Pablo Casagrande	
Didier Mongelos	
Montserrat Giménez	
Amilcar Miño	
Ana Arevalos	
Elder Oliveira da Silva	
Suelen dos Santos Ferreira	
Pasionaria Rosa Ramos Ruiz Diaz	
DOI 10.22533/at.ed.70119120310	
CAPÍTULO 11	141
ESTRESSE OCUPACIONAL E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO PSICOLÓGICO DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR DE GOIÂNIA	
Maurício Benício Valadão	
Sebastião Benício da Costa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.70119120311	
CAPÍTULO 12	156
EXPLORANDO O IMPACTO DO ESTRESSE NO CONSUMO DE ÁLCOOL: UMA REVISÃO DE LITERATURA.	
Isabel Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.70119120312	
CAPÍTULO 13	169
ENSINO COM FEEDBACK INSTRUCIONAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): EFEITOS SOBRE CATEGORIZAR	
Daniel Carvalho de Matos	
Mônica Cristina Marques de Aragão	
Pollianna Galvão Soares de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.70119120313	
CAPÍTULO 14	183
SÍNDROME DE BURNOUT: DOENÇA OCUPACIONAL PRESENTE DESDE A FORMAÇÃO ATÉ A ATUAÇÃO DO MÉDICO ESPECIALISTA	
William Volino	
DOI 10.22533/at.ed.70119120314	

CAPÍTULO 15	192
QUALIDADE DE VIDA EM DOENTES RENAIIS CRÔNICOS EM HEMODIÁLISE: UMA REVISÃO DA LITERATURA	
Fernanda Elisa Aymoré Ladaga	
Murilo dos Santos Moscheta	
DOI 10.22533/at.ed.70119120315	
CAPÍTULO 16	207
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS COM ESCLEROSE MÚLTIPLA	
Ana Maria Canzonieri	
Daniele Batista de Sousa	
Thais Mira Simandi	
Beatriz Maciel Sodre	
Lucas Felipe Ribeiro dos Santos	
Priscila da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.70119120316	
CAPÍTULO 17	213
ENVELHECIMENTO POSITIVO E LONGEVIDADE AVANÇADA: CONTRIBUTOS PARA A INTERVENÇÃO	
Lia Araújo	
Oscar Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.70119120317	
CAPÍTULO 18	221
AVALIAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS COM ESCLEROSE MÚLTIPLA	
Ana Maria Canzonieri	
Daniele Batista de Sousa	
Thais Mira Simandi	
Beatriz Maciel Sodre	
Lucas Felipe Ribeiro dos Santos	
Priscila da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.70119120318	
SOBRE A ORGANIZADORA	227

EXPLORANDO O IMPACTO DO ESTRESSE NO CONSUMO DE ÁLCOOL: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Isabel Bernardes

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Dependência Química) Departamento e Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP - Ipq-HC-FMUSP, São Paulo

RESUMO: Estudos experimentais revelam que estressores ambientais geram impacto importante no consumo de álcool por roedores. O nível de estresse no cotidiano das pessoas na sociedade contemporânea tem aumentado de maneira significativa, sendo um problema de saúde mental importante cujas consequências merecem ser investigadas. Diante destas duas constatações, buscou-se explorar o impacto do estresse no consumo de álcool. Foi realizado um estudo de natureza qualitativa a partir de uma revisão de literatura. Foram utilizadas 2 bases de dados (PUBMED e BVS). Compôs esta revisão de literatura 29 artigos, sendo 11 relacionados a estudos experimentais e 18 a outras modalidades de pesquisa. Embora os aspectos genéticos tenham grande importância no desenvolvimento da dependência química, os artigos apresentados destacam que tal elemento não pode ser analisado de forma isolada. O estresse como um fator ambiental importante revelou-se um preditor significativo no consumo de álcool em roedores nos

estudos experimentais descritos nos artigos analisados, bem como, no desencadeamento de transtornos psiquiátricos que, por sua vez, tinham no consumo prejudicial de álcool uma comorbidade importante.

PALAVRAS-CHAVE: consumo de álcool, estresse, estudo experimental, revisão de literatura.

ABSTRACT: Experimental studies show that environmental stressors generate significant impact on alcohol consumption by rodents. The level of stress in daily life in contemporary society has increased significantly, mental health problem with important consequences that deserve to be investigated. Given these two findings, we sought to explore the impact of stress on alcohol consumption. The qualitative study was conducted from a literature review. There were 2 databases (PubMed and BVS). This literature review was composed of 29 articles, 11 related to experimental studies and 18 to other types of research. Although the genetic aspects have great importance in the development of addiction, the presented articles highlight that this element cannot be isolated analyzed. Stress as an important environmental factor proved to be a significant predictor of alcohol consumption in rodents in experimental studies described in the articles analyzed, as

well as, in the development of psychiatric disorders that, in turn, had the harmful use of alcohol an important comorbid.

KEYWORDS: alcohol consumption, stress, experimental study, literature review.

INTRODUÇÃO

O álcool é uma substância psicoativa que tem ação no sistema nervoso central, alterando a percepção da realidade e provocando sintomas psíquicos, mudanças fisiológicas e comportamentais, podendo promover sua auto administração (CEBRID (2014; OMS, 2014)

De acordo com estudos arqueológicos, há registros do consumo de álcool pela humanidade desde 6000 anos a.C. tendo este se tornando um hábito em diversas sociedades e sido incorporado em rituais religiosos, festivos e culturais (CEBRID, 2014).

Com a Revolução Industrial a produção, distribuição e consumo de álcool aumentou significativamente o que gerou novos impactos na relação estabelecida entre as pessoas e esta substância. Com a ampliação do consumo, foi possível identificar mais registros de uso prejudicial à saúde de seus usuários.

O aumento do consumo de substâncias alcóolicas decorre não somente do aumento de sua produção (e aumento de teor alcoólico devido ao processo de destilação), mas também, em consequência a aspectos ambientais, sociais e culturais. Segundo relatório da OMS (2014) a conjunção de fatores sociais (desenvolvimento econômico, cultural, disponibilidade de álcool e efetividade de políticas de saúde) são aspectos relevantes nas mudanças ocorridas no consumo do álcool, ao longo dos séculos.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas o consumo de álcool está intimamente relacionado a eventos festivos, celebrações e ocasiões felizes, ou seja, as pessoas fazem uso desta substância na perspectiva de comemorar fatos e conquistas. Portanto, a presença de bebidas alcóolicas é presente no cotidiano, estimulado e corroborado pela cultura.

A permissividade e o incentivo de consumo de álcool, observada na sociedade atual explica, portanto, o consumo a partir de situações recreativas relacionando-se a vivências positivas. Todavia, cabe destacar a importância em se estudar o consumo de álcool a partir de aspectos ambientais e sociais tidos como negativos, pois tais circunstâncias também levam a um consumo importante por diversas populações (WALSH et al., 2014; KEYES et al.; 2012; CONNER et al., 2012; ROBERT, M. ANTHENELLI, M.D.,2012; SULLIVAN et al., 2012).

No que se refere ao consumo prejudicial de álcool, alguns estudos experimentais (FERRIS, 2003; SACHARCZUK et al., 2008; LOPEZ et al., 2011; DELIS et al., 2013; PATTERSON-BUCKENDAHL et al., 2014) revelam que fatores ambientais influenciam,

em grande medida, seu consumo e o conseqüente desenvolvimento de um uso nocivo à saúde, bem como, a dependência química.

Os altos níveis de estresse presente na sociedade atual vêm gerando impactos significativos em indivíduos de todas as idades, gênero e classe social, em suas diversas formas de expressão. Estudos (CONNER et al., 2012; SULLIVAN et al., 2012) argumentam que pessoas que sofrem de estresse tornam-se indivíduos mais vulneráveis a outras enfermidades, especialmente aos transtornos psiquiátricos.

De acordo com a definição descrita por Sullivan et al. (2012), o estresse é qualquer experiência adversa que consiste em um estímulo externo ao sujeito que o ameaça ou machuca, gerando medo, ansiedade, raiva excitação e tristeza, tendo um impacto e conseqüências negativas. Estes autores relatam, ainda, que o estresse varia em diferentes níveis: intensidade (brando a severo), momento do ciclo vital em que acontece, ou ainda, se é esperado ou inesperado. Os impactos psicológicos e psiquiátricos do estresse permanecem sendo um importante mecanismo para o indivíduo nas diferentes áreas de sua saúde mental.

Diante da constatação que o estresse gera impactos importantes no âmbito da saúde psicológica, emocional e física dos indivíduos, podendo desencadear transtornos psiquiátricos importantes, como o consumo elevado e prejudicial de álcool, buscou-se no presente estudo explorar e identificar quais os impactos do estresse no consumo de álcool.

Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura em duas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde - BVS e PUBMED, no período de novembro de 2014 a janeiro de 2015. Foram selecionados artigos relacionados ao tema, publicados nos últimos 10 anos. Do total de trabalhos identificados, foram utilizados 29 artigos.

Cabe destacar que há um número significativo de artigos que trazem relatos de estudos experimentais que trabalharam com estresse crônico moderado e outro número de trabalhos que correlacionam o consumo de álcool com um estresse crônico/severo, que por sua vez caracteriza o Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

MÉTODOS

O presente trabalho visa explorar e identificar o impacto do estresse no consumo de álcool e, para tanto, foi realizado um estudo de natureza qualitativa a partir de uma revisão de literatura.

A pesquisa de natureza qualitativa trabalha com as experiências e relações humanas, podendo recorrer à amostragem, mas não se baseando no critério numérico para garantir sua representatividade (MINAYO,1994). Portanto, visa obter dados descritivos, com especial olhar ao processo e, não somente, ao produto final (LUDKE MENGA,1986).

A revisão de literatura é um importante instrumento de pesquisa, na medida em que, possibilita uma aproximação com determinado tema, ampliando o conhecimento

a respeito de um assunto, identificando as lacunas existentes que ainda devam ser investigadas e desenvolvidas.

Sabe-se que pesquisas de revisão de literatura têm um grande valor científico, por fornecerem, de forma resumida, um panorama abrangente sobre um determinado tema, ressaltando tanto os temas de pesquisa mais investigados pelos pesquisadores em determinada época, como também os temas que têm recebido pouca atenção dos mesmos. A partir dessa premissa, pode-se também realizar uma investigação mais detalhada sobre a elaboração teórica e a metodologia empregada, o que fornece uma ideia do nível de desenvolvimento da pesquisa e as suas possíveis contribuições ao meio acadêmico (LEVANDOWSKI, 2001, p.2).

Para o presente estudo buscou-se verificar a incidência de estudos sobre o tema “Impacto do estresse no consumo de álcool”.

A revisão de literatura foi realizada em 2 bases de dados, sendo estas: PUBMED e Biblioteca Virtual em Saúde - BVS. Nas tabelas abaixo estão identificados o número de artigos encontrados em cada uma delas, de acordo com o descritor utilizado.

O período de pesquisa foi de novembro de 2014 a janeiro de 2015.

PUBMED	Descritores	N
	Estresse AND Consumo de álcool	0
	Efeito do estresse AND Consumo de álcool	0
	Stress AND Alcohol Consumption	4856
	Crhonic mild stress AND Alcohol use	71

Na pesquisa realizada na PUBMED, verificou-se uma diferença importante na busca feita com termos na língua portuguesa e na língua inglesa. Em português não aparecem resultados, já em inglês identificaram-se 4856 artigos com os descritores “Stress AND Alcohol Consumption” e 71 com os descritores “*Crhonic mild stress AND Alcohol use*”.

Deste total selecionamos os artigos publicados na última década e foi feita, então, uma seleção prévia a partir do título dos trabalhos, uma vez que uma série deles não estava, de fato, relacionada ao tema ao qual o presente estudo se propõe. Foram identificados artigos que tratavam de doenças clínicas relacionadas ao consumo de álcool, a outros transtornos psiquiátricos, oxidação celular no consumo de álcool e outras especificidades envolvendo o consumo de álcool, mas que não estavam relacionados ao estresse. Com base nesta seleção prévia restaram 21 artigos e, portanto, foi feita a leitura dos resumos destes. 11 artigos foram lidos na íntegra e utilizados no presente trabalho.

Já na pesquisa realizada na BVS, foi obtido um resultado satisfatório com os descritores na língua portuguesa “Estresse e Consumo de álcool”. Assim como feito anteriormente, foram aplicados filtros no assunto principal e selecionados artigos publicados na última década, restando 642 artigos e com base nos títulos, alguns artigos foram excluídos da busca por não fazerem referência ao tema ora estudado. Restaram 18 artigos condizentes ao tema que foram lidos na íntegra e fichados para compor o presente trabalho.

BVS	Descritores	N
	Estresse AND Consumo de álcool	1246

Portanto, compôs esta revisão de literatura 29 artigos, sendo 11 relacionados a estudos experimentais e 18 a outras modalidades de pesquisa, ambos com o tema: consumo de álcool e estresse.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme tratado anteriormente, o primeiro grupo de artigos caracteriza-se por uma descrição de pesquisas experimentais. De acordo com Cardoso (2014, p.1):

Estudar modelos experimentais de psicopatologia é a tentativa de reproduzir de forma análoga, em situações específicas e controladas de laboratório, os fenômenos que ocorrem com seres humanos em ambientes não controlados. Esses modelos visam compreender os comportamentos descritos como um distúrbio ou transtorno mental, apresentados pelo sujeito no contexto em que está inserido.

O alcoolismo é um transtorno complexo ainda não compreendido completamente. O ambiente e os fatores de risco inerentes a ele desempenham um papel importante no desenvolvimento desta patologia. A exposição de indivíduos geneticamente suscetíveis aos fatores e condições estressantes aumenta a preferência ao consumo de álcool. Portanto, a dependência é variável entre os indivíduos, podendo ter causa genética e ambiental, ou ainda, da interação entre ambas (SACHARCZUK et al., 2008)

Nos estudos de DELIS et al., (2013) e PATTERSON-BUCKENDAHL et al. (2014) os autores verificaram que o estresse e o receptor de dopamina D2 ocupam um importante papel no alcoolismo sugerindo que na presença de um ambiente estressor, baixos níveis de D2 estão associados a aumento e preferência da ingesta/consumo de álcool, uma vez que o consumo de álcool em tais circunstâncias pode ser utilizado como uma estratégia para aliviar um humor negativo ou ruim.

Sabe-se que o consumo de drogas é feito em situações estressantes para

aliviar a tensão, deste modo, é plausível identificar que a dependência de álcool seria mais provável entre indivíduos com transtornos de humor ou ansiedade. Os autores concluem, ainda, que estresse inesperado e inevitável aumenta o consumo de álcool (DELIS et al., 2013, PATTERSON-BUCKENDAHL et al, 2014).

O estudo intitulado *“Differences in ethanol drinking between mice selected for high and low swim stress-induced analgesia”* buscou verificar o efeito do *Chronic Mild Stress* (Estresse Crônico Moderado) em ratos divididos em 2 sub-grupos: de alta e de baixa exposição à analgésico e submetidos a um consumo de 8% de álcool.

Os autores citam estudos anteriores, tanto com humanos quanto com animais, que sugerem que o sistema opióide estaria envolvido no desenvolvimento da dependência de álcool. As alterações congênitas nas atividades do sistema opióide foram encontradas entre os alcoolistas e, portanto, tais diferenças genéticas no funcionamento do sistema opióide endógeno podem explicar, parcialmente, as diferenças preferencias pelo álcool entre homens e animais. Logo, a interação entre o sistema opióide endógeno e estressores ambientais seriam fatores importantes para maior suscetibilidade ao abuso de álcool.

Os resultados identificados no referido estudo revelam que ratos com baixa exposição a analgésicos e, portanto, com baixa atividade do sistema opióide expostos ao Estresse Crônico Moderado manifestaram maior consumo de álcool do que aqueles que não foram expostos a nenhuma condição estressante e, por conseguinte, os indivíduos expostos ao Estresse Crônico Moderado, com baixa atividade do sistema opióide, podem desenvolver abuso de álcool (SACHARCZUK et al., 2008).

Dois estudos experimentais (LOPEZ et al., 2011; FERRIS, 2003) verificaram os efeitos do estresse no consumo de álcool, a longo prazo. Tais trabalhos atribuíram à experiência de situações estressantes durante o desenvolvimento infantil os comportamentos de estresse e ansiedade na vida adulta e que, por sua vez, podem ter favorecido o consumo de substâncias psicoativas.

Os estudos examinaram o efeito de isolamento social crônico e experiências estressantes durante o desenvolvimento (desenvolvimento nessa fase correlata nos ratos) e o subsequente consumo de álcool entre ratos macho e fêmea. Os autores descrevem que o efeito do Estresse Crônico Moderado, durante a adolescência e o consumo voluntário de álcool na vida adulta ainda não foram investigados, mas conseguiram concluir que as condições estressantes (isolamento crônico social e outras modalidades de estresse) durante a adolescência induziram a altos níveis de consumo de álcool durante a vida adulta. A associação entre várias modalidades de estresse aumentou os níveis de consumo do álcool.

Cabe ressaltar, bem como trazem as pesquisas (LOPEZ et al., 2011; FERRIS, 2003) que diversos fatores estão envolvidos na dependência de álcool: início do consumo, frequência, quantidade consumida e resposta ao álcool e que, portanto, ainda não é claro se os fatores genéticos ocupam maior importância no início do consumo de álcool. Até o momento entende-se que os fatores ambientais explicam

a maioria das variáveis para a iniciação da ingestão do álcool e os fatores genéticos estariam mais relacionados com a frequência e a quantidade consumida ao longo do tempo.

Nos trabalhos citados, após a exposição ao Estresse Crônico Moderado, o consumo de álcool aparece quase que imediatamente e persistiu ao longo de 6 semanas após o teste de estresse na adolescência, revelando os impactos de futuros de tal consumo.

Utilizando um modelo animal de experimento longitudinal, Ferris (2003) identificou que os animais que tiveram um histórico de estresse traumático na adolescência, quando adultos, apresentaram comportamento agressivo de forma excessiva e inapropriada. O contexto influenciava o comportamento agressivo.

A exposição ao álcool durante a adolescência, portanto afirma o autor, leva a comportamentos agressivos na vida adulta e eventos traumáticos no início da vida tornam as crianças mais vulneráveis aos futuros estressores e à probabilidade de comportamentos antissociais. E como consequência destes problemas de comportamento na infância tais indivíduos apresentam, muitas vezes, maior risco para abuso de álcool e outras drogas.

O artigo *“Neurocircuitry underlying stress and emotional regulation in animals prenatally exposed to alcohol and subjected to chronic mild stress in adulthood”* (RAINEKI et al., 2014) que também traz registros de uma pesquisa experimental com roedores, aponta que indivíduos expostos ao álcool desde a gestação apresentam maiores níveis de psicopatologias, pois o desenvolvimento fetal seria um processo dinâmico influenciado pela qualidade do ambiente onde este ocorre e, portanto, ambientes pouco saudáveis podem suscitar problemas físicos e mentais com efeitos duradouros ao longo de toda vida.

Ainda de acordo com o artigo, a exposição ao álcool na gestação diminui a atividade neuronal entre a amígdala e o córtex pré-frontal nos machos e a formação do hipocampo nas fêmeas. A exposição ao Estresse Crônico Moderado neste período reduz a atividade neuronal nos machos e fêmeas, mas em áreas diferentes do hipocampo. No grupo controle (sem exposição ao álcool) não houve efeitos significativos do Estresse Crônico Moderado. E, portanto, os aspectos ambientais revelam-se como um fator importante no consumo prejudicial de álcool como estratégia de enfrentamento ao estresse.

Corroborando a discussão trazida por Raineiki et al. (2014), os autores do artigo *“Prenatal Alcohol Exposure and Chronic Mild Stress Differentially Alter Depressive- and Anxiety-Like Behaviors in Male and Female Offspring”* afirmam que a Síndrome Alcólica Fetal (SAF) está associada à inúmeras alterações neuronais e alta incidência de distúrbios de ansiedade e depressão e, que a exposição ao estresse na vida adulta, pode desmascarar o aumento da vulnerabilidade a comportamentos de ansiedade e depressão em animais expostos ao álcool durante seu desenvolvimento intrauterino. Os autores concluem que o estresse pode ser um fator que interfere ou contribui para

o desenvolvimento de psicopatologias nas populações de SAF (HELLEMANS ET AL., 2010).

Segundo Cardoso (2014):

Estudos experimentais mostram que a submissão dos sujeitos a certas condições ambientais ricas de estímulos reforçadores, como inserção de brinquedos, mudanças na gaiola viveiro, fartura de alimento e líquidos e agrupamento de sujeitos no mesmo ambiente logo após o desmame (enriquecimento social) pode reduzir o efeito dos estímulos estressores, diminuindo a autoadministração de certas drogas, como o álcool (ROCKMAN & GIBSON, 1992; ROCKMAN, GIBSON, & BENARROCH, 1989). Exposições a situações aversivas, como choque, pinçamento de cauda, nado forçado, separação materna, restrição de comida, ameaça de ataque, desamparo aprendido e estresse crônico moderado têm sido associados ao uso de álcool e outras drogas (CAPLAN & PUGLISI, 1986; REID, HO, TOLLIVER & WOFOWI, 1998, MCKIM, 1996; MICZEK & MUTSCHLER, 1996; VAN ERP, TACHI & MICZEK, 2001). Sujeitos expostos a estímulos aversivos tendem consumir mais etanol do que aqueles expostos a ambientes enriquecidos (ROCKMAN & GIBSON, 1992; ILVA, BERNARDES & GARCIA-MIJARES, 2005). A diferença entre eles se dá tanto na quantidade de droga ingerida quanto em suas concentrações.

Cardoso (2014) cita estudos anteriores (VOLPICELLI, ULM, e HOPSON, 1990; BECKLEY & FINN, 2006; SMITH, WILLNER & LITTLE, 1996; SMITH, REMY, SCHREIBER & DE VRY, 1996) nos quais se observou que após a submissão ao estímulo aversivo os sujeitos consumiam mais álcool do que os sujeitos do grupo controle e mesmo aqueles sujeitos que apresentavam, inicialmente, baixa preferência por etanol, após serem submetidos a um estímulo aversivo incontrolável aumentavam o consumo dessa substância.

De acordo com o exposto até o presente momento, verifica-se que o estresse é um dos fatores principais que incentivaram o consumo de droga e o comportamento de recaída. A exposição crônica às drogas, por outro lado, afeta o sistema cerebral de resposta ao estresse e um dos receptores do sistema opiáceo constituindo-se como um caminho inicial para a dependência química, na medida em que é essencial no reforço aos efeitos do uso das drogas (ILDIKO RÁCZ et al., 2012).

Cardoso (2014) ressalta a importância de compreender que o álcool age como um depressor do sistema nervoso central, podendo reduzir a sensibilidade a eventos aversivos, diminuindo a influência desses eventos no controle do comportamento. Logo, o aumento do consumo de álcool pode se apresentar a partir de um ambiente estressante como recurso de enfrentamento para tais adversidades o que, em longo prazo, possivelmente contribui para o desenvolvimento da dependência química.

Já Patterson-Buckendahl et al (2012) citam estudos que indicam que o consumo moderado de álcool, para indivíduos não dependentes, aumenta a capacidade para a realização de algumas tarefas, levantando a hipótese de que a capacidade de responder a um estressor agudo pode ser aumentado após o consumo da referida substância.

A partir de um modelo experimental, os autores verificaram que as expressões do

gene adrenérgico vêm sendo caracterizadas por responder a uma série de diferentes estressores, uma vez que a associação entre o estresse e o consumo de álcool envolve os sistemas noradrenérgico, opiáceo e receptores benzodiazepínicos.

No segundo grupo de artigos foi possível identificar uma prevalência de estudos acerca da influência de eventos traumáticos e consequentes transtornos psiquiátricos (como o próprio Transtorno de Estresse Pós-Traumático e a Depressão) e, o consequente consumo prejudicial de álcool.

Alguns artigos localizados na revisão de literatura destacam a interação entre eventos estressores com aumento no consumo de álcool ou, ainda, um consumo prejudicial dessa substância levando a dependência química. Dentre os estudos levantados podem ser citados o processo de aculturação entre imigrantes, militares, policiais, vítimas de violência doméstica e sexual (LEE et al., 2013; FOX et al., 2011; KENNEY et al., 2013; KHOURY et al., 2010; SULLIVAN et al., 2009; CONNER et al., 2012)

No artigo “Comorbidade entre transtorno de estresse pós-traumático e abuso e dependência de álcool e drogas: uma revisão da literatura” (DANTAS, GUERRA, 2008), os autores destacam a maior incidência de TEPT em mulheres não porque elas seriam geneticamente mais vulneráveis, mas porque alguns tipos de trauma ocorrem mais com elas devido à vulnerabilidade de gênero, como: abuso sexual e estupro. Dantas e Guerra (2008) argumentam que sintomas associados ao TEST muitas vezes antecedem o início do uso abusivo e dependência de álcool e outras drogas, assim como seguem apontando Sullivan et al (2012).

Sintomas severos de transtorno de estresse pós-traumático foram associados com problemas relacionados ao álcool e mulheres que vivem violência do parceiro, estas pessoas apresentaram maior prevalência de problemas com álcool do que à população em geral de mulheres não submetidas à violência doméstica. O uso de álcool, em tais circunstâncias, seria feito como estratégia de enfrentamento entre as pessoas com nível mais elevado de estresse ou outras comorbidades, ou seja, é um recurso utilizado para lidar com o sofrimento psíquico (Sullivan et al., 2012).

No que se refere ao consumo de álcool enquanto estratégia de enfrentamento, Conner et al. (2012) apresentam evidências sugerindo que estudantes com menor qualidade de saúde mental normalmente consomem álcool para reduzir ou regular os aspectos negativos das vivências universitárias, ou seja, consumo de álcool como estratégia de enfrentamento (estados emocionais internos e motivações externas).

A relação entre altos níveis de ansiedade, depressão, percepção negativa de si mesmo estão associados ao consumo de álcool como estratégia de enfrentamento e, por sua vez tais motivações para consumir álcool estariam relacionados ao consumo em si e suas consequências.

Conner et al. (2012) alegam, ainda, que a saúde mental de baixa qualidade é um preditor para uma pior qualidade do sono e entre tais estudantes verificou-se uma piora na qualidade e regularidade do sono e consequente piora no desempenho e

capacidade cognitiva para tomar decisões no que concerne ao próprio consumo de álcool e à comportamentos de autopreservação e cuidado.

Por fim, Conner et al. (2012) destacam que eventos estressantes da vida de um indivíduo ocupam um papel importante dentre aqueles dependentes de álcool com comportamento suicida.

K. Walsh et al. (2014); Keyes et al. (2012); Conner et al. (2012) afirmam que existe um impacto importante do estresse no consumo de álcool e tabaco. E os riscos envolvidos em tal consumo podem levar à dependência enquanto um transtorno psiquiátrico. Cabe ressaltar que a dependência química se desenvolverá de acordo com o tipo do consumo, momento do ciclo vital em que teve início, duração e nível de estresse que a experiência estressante proporcionou e número de eventos traumáticos ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do investigado, é possível compreender o estresse como um evento aversivo que causa medo, ansiedade e tristeza, mobilizando de maneira significativa a pessoa por ele acometidas. Todos os indivíduos estão sujeitos a situações estressantes ao longo de suas vidas, porém o estresse pode variar em diferentes níveis de intensidade (brando a severo), pode ser esperado ou inesperado, pode ser crônico moderado ou severo, apresentado diferentes impactos nos sujeitos. O que se sabe, todavia, é que de um modo geral o estresse reverbera de forma importante na saúde mental de uma pessoa.

As reações ao estresse podem variar de acordo com cada pessoa, pois faz parte deste processo uma série de fatores, como: genética, ambiente, etapa do ciclo vital, idade, tipo e duração do evento estressante.

O consumo de álcool contribui tanto para aliviar o estresse como pode ser seu causador. Estudos destacam a relação entre o estresse no cérebro e o sistema de recompensas e, embora o consumo de baixas doses de álcool por não alcoolistas produzam efeitos reforçadores ao consumo que atenuam o estresse, na realidade, tal droga estimula a liberação de substâncias e hormônios que podem causar ou aumentar o estresse no sistema nervoso.

Um indivíduo com histórico (genético, familiar e individual) de dependência de álcool seria mais suscetível a fazer uso de tal substância como estratégia de enfrentamento durante um evento traumático em sua vida.

Quanto mais precoce o consumo de álcool mais prejudicial este pode ser, além de apontar indícios de eventos traumáticos na infância e adolescência, como maus tratos e negligência. Tal dado corrobora as considerações de que grupos de pessoas mais vulneráveis seja pela idade, doença, gênero e classe social apresentam nível maior de consumo prejudicial de álcool do que as demais pessoas, uma vez que sofrem com o estresse da condição de desigualdade e vulnerabilidade social e ambiental.

A presença de estímulo aversivo pode tornar a droga mais reforçadora e por consequência aumentar a vulnerabilidade para o consumo. A exposição a estímulos estressores parece estar associada a um padrão de consumo mais pesado, já que sujeitos experimentais em situação de estresse aumentam o consumo e preferem concentrações mais elevadas de etanol (CARDOSO, 2014).

Até o momento entende-se que os fatores ambientais explicam a maioria das variáveis para a iniciação da ingestão do álcool e os fatores genéticos estariam mais relacionados com a frequência e a quantidade consumida ao longo do tempo.

Embora os aspectos genéticos tenham grande importância no desenvolvimento da dependência química, os artigos apresentados destacam que tal elemento não pode ser analisado de forma isolada, na medida em que, fatores sociais, psicológicos e emocionais influenciam em grande medida no desencadeamento de um consumo prejudicial de álcool.

Logo, o estresse como um fator ambiental importante revelou-se preditor significativo no consumo de álcool em roedores nos estudos experimentais descritos nos artigos analisados.

REFERÊNCIAS

ALI et al., (2013). **Trait Aggression and Problematic Alcohol Use Among College Students: The Moderating Effect of Distress Tolerance**. *Alcohol Clin Exp Res*, 37 (12), p. 2138–2144.

BECKLEY E. H. & FINN D. A (2006). **Unpredictable chronic mild stress and voluntary ethanol consumption in inbred mice**. *UK: Alcoholism: clinical and experimental research*, 30(6), p.186-190.

CARDOSO, T., ALARCÃO, I. & CELORICO, J. **Revisão da literatura e sistematização do conhecimento**. Porto: Porto Editora, 2010.

CARDOSO, L.R.D. (2014). **Modelos experimentais de psicopatologia: uso de substâncias psicoativas**. São Paulo: HC-FMUSP, p. 1-9.

CARDOSO, L. R. D, BANACO, R. A. (2010). **Efeito do esquema de intervalo variável no desenvolvimento de anedonia induzida por Estresse Crônico Moderado**. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* (no prelo).

CONNER et al. (2012). **Stressful life events and suicidal behavior in adults with alcohol use disorders: Role of event severity, timing, and type**. *New York: Drug, Alcohol Depend*, 120 (1-3), p. 155-161.

DANTAS, H. S, GUERRA, A.A (2008). **Comorbidade entre transtorno de estresse pós traumático e abuso e dependência de álcool e drogas: uma revisão da literatura**. *Rev. Psiq. Clín* 35 (1); p. 55-60.

DELIS et al. (2013). **Chronic Mild Stress Increases Alcohol Intake in Mice With Low Dopamine D2 Receptor Levels**. *Washington DC: Behavioral Neuroscience*. 127(1), p. 95–105

EZZY, D. **Qualitative Analysis: Practice and Innovation** *Crows Nest, NSW: Allen &Unwin*, 2002.

FERRIS, C.F. (2003). **Using an animal model to assess the long-term behavioral and biological consequences of adolescent abuse and alcohol exposure**. *NY: Ann. Acad Sci.*1008, p.69-78.

- FOX et al. (2012). **Mental-Health Conditions, Barriers to Care, and Productivity Loss Among Officers in An Urban Police Department.** Connecticut: Conn Med. 76(9): p. 525–531.
- GUERRA, L. G. G. C & SILVA, M. T. A (2002). **Modelos animais de psicopatologia: fundamentos conceituais.** Capítulo 22. Sobre o comportamento e cognição: contribuição da teoria do comportamento, Org Helio Jose Guilhardi, 1ª edição Ed Santo André: ESETec, vol. 9, p. 232-235.
- HELLEMANS et al. (2010). **Prenatal Alcohol Exposure and Chronic Mild Stress Differentially Alter Depressive- and Anxiety-Like Behaviors in Male and Female Offspring.** UK: Alcohol Clin Exp Res. 34(4), p. 633–645.
- KACHADOURIAN et al. (2014). **Trauma, PTSD, and binge and hazardous drinking among women and men: Findings from a national study.** Connecticut: Journal of Psychiatric Research 55, p.35-43.
- KANG, K., SUNG, J., KIM, C. (2010). **High Risk Groups in Health Behavior Defined by Clustering of Smoking, Alcohol, and Exercise Habits: National Health and Nutrition Examination Survey.** Journal of Preventive Medicine and Public Health 43(1), p. 73-83.
- KENNEY et al. (2013). **Mental Health, Sleep Quality, Drinking Motives, and Alcohol-Related Consequences: A Path-Analytic Model.** New Jersey: Journal of studies on alcohol and drugs. 74(6), p.841-851.
- KEYES et al. (2012). **Stress and alcohol.** San Diego: Epidemiologic Evidence **Research: Current Reviews, Volume 34 (4)**, p. 391–400.
- KHOURY et al. (2010). **Substance use, childhood traumatic experience, and posttrauma stress disorder in an urban civilian population.** *Depress Anxiety.* 27(12), p.1077–1086.
- LEE et al. (2013). **Acculturation Stress and Drinking Problems Among Urban Heavy Drinking Latinos in the Northeast UK: J Ethn Subst Abuse.**12(4): p.308–320.
- LEVANDOWSKI, D.C. (2001). **Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional.** Natal: *Estud. psicol.* 6 (2), p.1-13.
- LOPEZ et al. (2011) **Chronic social isolation and chronic variable stress during early development induce later elevated ethanol intake in adult C57BL/6J mice.** Indianapolis: *Alcohol.* 45(4), p.355-64.
- LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- PATTERSON-BUCKENDAHL et al. (2004). **Alcohol Alters Rat Adrenomedullary Function and Stress Response.** Ann. New York: Acad. Sci. 1018, p. 173–182.
- RÁCZ et al. (2012). **Long-term ethanol effects on acute stress responses: modulation by dynorphin NY: Addiction Biology,** 18, p. 678–688.
- RAINEKI et al. (2014). **Neurocircuitry underlying stress and emotional regulation in animals prenatally exposed to alcohol and subjected to chronic mild stress in adulthood.** Lausanne: *Front Endocrinol.* 5 (5), p. 1-14.
- ROBERT, M. ANTHENELLI, M.D. (2012). **Overview: stress and alcohol Use Disorders revisited alcohol research: San Diego: Alcohol Research: Current Reviews,** 34(4), p. 386-39.

SACHARCZUK et al. (2008). **Differences in ethanol drinking between mice selected for high and low swim stress-induced analgesia.** Indianapolis: Alcohol. 42 (6), p.487-92.

SACHARCZUK et al. (2010). **Opposite effects of alcohol in regulating stress-induced changes in body weight between the two mouse lines with enhanced or low opioid system activity.** Physiology & Behavior 99, p. 627–631.

SULLIVAN et al. (2012). **Risk Factors for alcohol problems in victims of partner violence.** Connecticut: Subst Use Misuse. 47(6), p. 673–685.

WILLNER, P. (2005). **Chronic Mild Stress (CMS) revisited: consistency and behavioral-neurobiological concordance in the effects of CMS.** UK: Neuropsychobiology, 52, p. 90-110.

WALSH et al. (2014). **Trauma exposure, posttraumatic stress disorder and risk for alcohol, nicotine, and marijuana dependence in Israel.** NY: Comprehensive Psychiatry 55, p. 621–630.

Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Disponível em: http://www.cebrid.epm.br/folhetos/alcool_.htm. Acesso em 2 de dezembro de 2014.

Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <http://www.paho.org/bra/>. Acesso em 2 de dezembro de 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-170-1

